

## AOS ESTUDANTES REVOLUCIONÁRIOS

No passado dia 10, os estudantes de Coimbra, reunidos em Assembleia Magna, demitiram a Direcção Geral da A.A.C., deliberação essa reafirmada na Assembleia Magna realizada no dia seguinte.

Esta atitude exige de todos nós uma profunda consciencia das suas implicações políticas. Com efeito, ao demitirem a Direcção Geral da A.A.C., os estudantes de Coimbra não demitiram apenas uma direcção associativa comprometida com a orientação reformista de colaboração de classes, corporizada na pessoa dessa Direcção.

Aquilo que os estudantes fizeram, embora de uma forma empirica e pontual, foi pôr objectivamente em causa toda a concepção e prática do Movimento Associativo e do seu complemento, o sindicalismo estudantil.

Com efeito, não são apenas os métodos burocráticos e toda a prática cupulista da Direcção demitida que foram postos em causa. Na medida em que esses métodos e essa prática sempre foram apanágio do Movimento Associativo e sindicalismo estudantil, é a orientação política que lhes subjaz - orientação reformista de colaboração de classes - que foi objectivamente posta em causa.

Portanto, nesta fase da luta estudantil, aquilo que importa sobremaneira repensar são essas concepções e a prática daí decorrente, que tem vindo a orientar, embora parcial e contraditoriamente, a luta estudantil. E isto porque os factores que agem no meio estudantil no sentido da sua politização e mobilização, embora sempre parciais e limitadas, não podem ser buscados nos limites sociológicos e políticos do próprio meio estudantil. E, sim, a polarização social resultante do confronto permanente dos interesses de classe antagónicos entre o proletariado e a burguesia, a nível nacional e internacional, que, em última análise, introduz no meio estudantil esses factores de politização e mobilização.

E dizemos que é em última análise, pois é possível sensibilizar e mobilizar por algum modo os estudantes, principalmente os seus sectores politicamente mais recuados, em torno da luta por certas reivindicações directamente ligadas à sua situação enquanto estudantes.

Simplesmente, toda a trajectória do Movimento Estudantil demonstrou, nacional e internacionalmente, que lutas em torno destas reivindicações, além de poderem ser absorvidas pelo poder burguês, nunca constituíram eixos de luta com algum grau de permanência e coesão política. Isto só ilustra que os verdadeiros factores de politização e mobilização dos estudantes são-lhes exteriores enquanto grupo social e remetem para o contexto da luta de classes.

Ora, o sindicalismo estudantil é justamente a tentativa de organizar a luta dos estudantes em torno de objectivos que, além de serem considerados comuns a todos, dir-lhes-iam respeito enquanto grupo social.

E isto, de facto, uma transposição mecânica do papel e acção dos sindicatos operários para o meio estudantil, onde, contrariamente ao meio operário, não existem interesses politicamente homogéneos a defender, e, na base dos quais, se edifique o sindicalismo estudantil.

O meio estudantil, além de ser heterogéneo sob o ponto de vista da sua composição social, é-o também politicamente. No meio estudantil, o leque político vai desde os estudantes da extrema-direita fascista até aos estudantes revolucionários que se colocam conscientemente ao lado dos interesses históricos da classe operária.

É por isso que o "sindicalismo estudantil" em todas as suas variantes, desde a reformista à revolucionária, nada mais é, nem nada mais será, do que um conjunto de ideias mecanicistas, veiculadas, no meio estudantil, por diversas correntes políticas.

O que essas correntes políticas produziram até agora, desde a variante associativo-sindicalista até à revolucionária, passando pelo sindicalismo de base, foi, quer um aparelho burocrático, dito sindical, que atravança a cena estudantil, quer um apêndice político no meio das suas organizações respectivas, base de recrutamento partidário.

Portanto, colegas, ao demitirmos a antiga Direcção Geral da A.A.C., aquilo em que temos de atentar é na base política que a orientava. Dessa base política são expressão os princípios do associativismo estudantil - unicidade, democraticidade, arregiosidade, apartidarismo, etc.

Na actual fase da luta de classes em Portugal , em que a classe operária e os trabalhadores ocupam claramente a dianteira da cena politica , constituindo o marco de referência obrigatório para todos os lutadores e organizações anti-capitalistas, persistir na defesa dos citados principios é, pelo menos, duvidoso.

Com efeito , o papel que as Associações de Estudantes têm desempenhado até agora na luta estudantil , papel muitas vezes actual no contexto da luta pelas liberdades democráticas no periodo da ditadura fascista , está identificado com a hegemonia , embora mais aparente que real , das correntes politicas reformistas tradicionais neste meio. A consciência para que então faziam apelo essas correntes , o democratismo e o anti-fascismo vagos e aclassistas, era de facto o terreno político em que germinavam as Associações Estudantis , cúpula e base logistica do sindicalismo estudantil.

Isto não significa que desconhecamos o papel que as Associações de Estudantes desempenharam durante o fascismo enquanto bases logísticas de apoio ao Movimento estudantil. Simplesmente, esse papel está identificado com a acção que dentro delas desenvolveram as já referidas correntes reformistas tradicionais. Daí que se possa criar a ilusão de que a ocupação das direcções associativas por representantes de correntes politicas não identificadas com o reformismo tradicional , embor sindicalistas , venha a revitalizar a dinamica do Movimento Associativo.

O Movimento Estudantil, com efeito, na sua trajectória politica, <sup>tem</sup> divergido cada vez mais do Movimento Associativo. E isto é o resultado lógico do facto de o chamado "Movimento associativo " não poder remeter senão para concepções sobre a possibilidade da sindicalização do meio estudantil.

É assim que , mesmo ao pretender basear a eleição duma Direcção associativa num programa anti-capitalista consequente , nada mais se faria do que rebentar com o próprio quadro do " Movimento Associativo " enquanto tal. Por exemplo , para a organização, pelo Movimento Estudantil, do apoio às lutas operárias, é evidente que o que serve são os Comités de Apoio e não as estruturas das Associações Estudantis.

#### O futuro das AAEE

Na medida em que a mobilização estudantil, como condição para o seu proprio avanço , deverá estar cada vez mais conscientemente dependente das solicitações da luta de classes , o espaço político e físico ocupado pelas AAEE , deverá ser integralmente posto ao serviço dos objectivos dessa luta.

Isto quer dizer que o associativismo estudantil, isto é, a prestação de serviços culturais e assistenciais aos estudantes , embora possa subsistir , deverá estar integrado nesse espaço político novo que será uma base logística importante para a intervenção das diversas correntes políticas no meio , bem como , para a mobilização dos estudantes em torno dos seus objectivos e das suas formas próprias de luta e organização.

#### O destino do Movimento Estudantil

O Movimento Estudantil tenderá a ser cada vez mais transparentemente o resultado da acção das diferentes correntes políticas que intervêm no meio estudantil. Mas não só. Na medida em que estas correntes políticas são de uma forma ou outra a mediação da influência geral da luta de classes à escala de toda a sociedade, o movimento estudantil será também cada vez mais influenciado directamente por esse quadro geral.

Num contexto de exacerbação da luta de classes a nível nacional e internacional, é de prever que, embora após o 25 de Abril tenha havido um certo alargamento da base de apoio do movimento estudantil, esta se restringe como resultado das opções irreversíveis que se porão a todos os estudantes.

É dentro deste contexto que se impõe analisar os factores de radicalização e mobilização do meio estudantil. Os estudantes sensíveis pelas próprias condições objectivas da sua situação enquanto camada social específica ( situação de disponibilidade, tempos livres, possibilidade de acesso a uma visão marxista do



mundo e do seu confronto com outras visões da realidade através do exercício da discussão em assembleias, a sua desincerssão em relação à actividade imediatamente produtiva ) aos problemas da luta de classes nacional e internacional e também vítimas em larga medida das contradições da sociedade capitalista que se reflectem directamente na escola ou daquelas que os afectam enquanto futuros quadros sujeitos às leis da oferta e da procura do mercado de trabalho ou ainda daquelas que advêm da sua situação enquanto componentes da juventude em geral, procuram dar resposta aos problemas sociais.

É neste sentido que propomos a todos os estudantes revolucionários uma alternativa concreta e global que julgamos ser a única capaz de resolver todos os problemas que se nos põem, inserindo a nossa luta no combate concreto e global da classe operária pelo socialismo.

Só instaurando a ditadura do proletariado e o contrôle operário sobre a escola se dará a solução para problemas que na actual conjuntura política constituem os eixos em torno dos quais se desenvolve a radicalização e mobilização dos estudantes.

Em torno desses eixos propomos a constituição de estruturas amplas com carácter unitário e numa perspectiva anti-capitalista.

1. É assim que, numa altura em que a classe operária em Portugal toma definitivamente a dianteira da cena política, o apoio e a divulgação das suas lutas é tarefa prioritária de todos os estudantes revolucionários e levar a cabo através da constituição de comités de apoio, debates, manifestações, etc.

2. Também a solidariedade com as lutas emancipadoras dos operários e trabalhadores das colónias e os movimentos de libertação que legitimamente os representam se impõem uma vez que o processo de descolonização, tal como se está a processar, não é de modo nenhum irreversível e exige, para além da solidariedade activa à prossecução das lutas, um esclarecimento político de todos os obstáculos que poderão impedir um processo de descolonização efectiva.

Do mesmo modo e compreendendo a complementaridade das lutas nos vários sectores da revolução que inevitavelmente acabará por abranger todo o golbo, a divulgação e o apoio às lutas dos povos oprimidos do Terceiro Mundo surge como uma necessidade aos olhos de todo o lutador anti-imperialista e anti-colonialista e de todo o internacionalista consequente.

3. Considerando que o exército é uma das superestruturas de sustentação do sistema capitalista, mesmo na sua forma mais democrática, tem funções repressivas e ideológicas.

- função repressiva, com a organização de corpos especiais de intervenção mais imediata nas fábricas ( intervenção do COPCON na TAP, LISNAVE e JORNAL DO COMÉRCIO ) assim como a reestruturação da PM e PU;

- função ideológica - exerce-se através de todo o sistema hierárquico, burocratizado, que não é mais que a transplantação da sociedade capitalista com classes bem delimitadas dentro do próprio exército ( vide caso 2º GCAM e Mafra ).

Considerando que todas as tentativas mais importantes da reacção vêm do sector mais reacçãoário do exército e como ainda existe toda uma estrutura favorável a estas tentativas;

Considerando que algumas organizações pretendem mostrar o exército como "democrático" tentando iludir os soldados e as massas trabalhadoras. Lembremo-nos do caso recente do Chile ("o exército mais democrático do mundo"), mesmo no dia 10 de Setembro, véspera em que ele iria mostrar a sua verdadeira face.

Assim, propomos a formação de comités antimilitaristas cujo objectivo será o apoio e divulgação das lutas dos soldados e marinheiros.

4. Tendo em conta que a escola é um ramo do aparelho de Estado que visa a preparação de quadros técnicos especializados e a reprodução da ideologia da classe dominante;

Tendo em conta que a classe dominante ( a burguesia ) utiliza várias formas de dominação, das quais o fascismo é a forma mais opressiva e que assenta no desmantelamento de todas as organizações da classe operária e no esmagamento de todas as formas pelas quais o proletariado se opõe à burguesia, impõem-se expulsar todos os professores, funcionários e alunos fascistas. Disso se devem encarregar comissões voluntárias de estudantes e professores revolucionários que deverão publicar amplamente e a toda a população todos os documentos comprovativos da cumplicidade quer de pessoas quer de instituições em relação ao fascismo, à NATO, ao regime de Pinochet, ao regime Franquista, e a todas as instituições repressivas e opressivas



organizadas pelo capital.

4

A par do saneamento levado a cabo nas empresas pelos trabalhadores, também nós devemos expulsar todos os fascistas garantindo que eles não vão para qualquer outra escola ou para qualquer empresa.

5. Depois do 25 de Abril a administração tradicional da Universidade é substituída por Comissões de Cogestão que integram professores, funcionários e estudantes numa base paritária, pretendendo assim criar a ilusão da participação dos estudantes e especialmente dos funcionários na administração da Universidade burguesa, como se a Universidade pudesse vir a ser uma ilha democrática no seio de uma sociedade capitalista em fase mono polista. Contudo, este processo, assim como a auto-gestão, mais não fará que provar de que modo são frágeis as bases em que assentam remetendo sempre qualquer solução efectiva para o contróle das classes trabalhadoras sobre a escola

6. O jovem que entra na Universidade cedo se desilude com a incapacidade da escola burguesa em fornecer uma visão global da realidade. Um ensino altamente especializado e desligado de uma experiência prática correspondente, serve apenas para inculcar ideias que só são úteis à burguesia e constituem a alienação dos cidadãos despolitizados, impedindo-os de tomar conhecimento da sua exploração e dos meios de a combater. Neste sentido, os conhecimentos ministrados funcionam representivamente e encontram o complemento indispensável nas estruturas do carácter originadas pela repressão sexual.

Por isso, a luta por novos conteúdos de ensino, que forneçam uma perspectiva global e realmente científica ( marxista ) da vida e do mundo, e por uma pedagogia de aprendizagem activa que produza Homens sem laivos de submissão e com vida mental harmoniosa, tem de ser forçosamente complementada através da luta pelo exercício de uma prática sexual sem frustrações.

7. A plétora, observada este ano, de novos alunos pretendendo o acesso à Universidade, é consequência do afrouxar dos métodos selectivos no ingresso à Universidade imposto, em larga medida, pelas lutas dos liceais no final do ano findo; do afluir de estudantes das colónias para as Universidades portuguesas, bem como de emigrantes políticos a quem a democracia burguesa permitiu a entrada no país. Colocada perante este excedente de alunos, a burguesia e os aparelhos burocráticos sindicais e partidários das organizações reformistas tradicionais, propõem soluções que de todo impeçam o afrouxar, mesmo que mínimo, dos métodos selectivos. Tentando impedir, a todo o custo, a " deterioração " da qualidade do ensino e a qualificação dos técnicos saídos da escola, propõem o serviço cívico que abranja todos os novos alunos para tarefas de " reconstrução nacional " em regime de semi-militarização. Aparentemente empenhados em tarefas de utilidade pública e de inserção na realidade quotidiana das massas exploradas, o serviço cívico é, de facto, o tapa-furos de problemas que a burguesia assim tenta resolver.

Por isso, exigimos o ingresso de todos os estudantes na Universidade e a constituição de cursos livres envolvendo a luta por uma pedagogia revolucionária; instituindo como conteúdo dos cursos livres o estudo do marxismo, do fascismo, do socialismo, análise da situação política nacional e internacional, etc.

Defesa do ingresso dos trabalhadores nesses cursos livres, tendo em consideração a situação de desemprego, propôr às organizações sindicais e políticas da classe operária a institucionalização da escala móvel das horas de trabalho de maneira a que o trabalho existente seja distribuído por todos os braços disponíveis, com a consequente redução das horas de trabalho. Com tal medida, os trabalhadores poderiam dispôr de uma ou duas horas diárias para discutirem nesses cursos livres.

Constituição de brigadas de politização voluntárias a serem enviadas para os bairros operários, fábricas, campos, etc, com um programa de discussões idêntico ao dos cursos livres atrás exposto.

8. É dentro destas propostas de reconversão política do movimento estudantil, que nós pensamos que a estrutura associativa tem de estar total e incondicionalmente subordinada ao movimento pelos objectivos atrás explicitados. Para tal, propomos as seguintes medidas para a gestão da AAC: constituição de uma Comissão de Gestão da AAC, com as seguintes características:

1. sem base política. Nela devem estar representadas paritariamente as diferentes correntes políticas que intervêm no meio estudantil ( podendo incluir os movimentos de libertação )
2. tendo por funções a gestão técnico-financeira da AAC ( facultando às diferentes correntes políticas que intervêm no meio estudantil as instalações da AAC e o respectivo aparelho técnico )

TOUPEIRA VERMELHA